



EDITORIAL



«Embarque de vinhos no cais da Régua». Foto Emílio Biel, ca. 1905.

Nunca como hoje se falou tanto do Douro, das suas inúmeras potencialidades, da riqueza do seu património natural e histórico, do sucesso internacional dos seus vinhos, do enoturismo, do aproveitamento do rio, das rotas culturais. Dir-se-ia que esta região, secularmente esquecida, encontrara, enfim, os caminhos do desenvolvimento centrado nos eixos da sua identidade.

Porém, um olhar mais atento descobrirá outras leituras menos optimistas da realidade, dar-se-á conta de bloqueios sérios que será preciso combater se se quiser, de facto, que os indicadores de prosperidade presente não se revelem efémeros. Basta percorrer as aldeias, vilas e cidades durienses, ou folhear algumas estatísticas, para perceber as fragilidades maiores da região: uma população empobrecida, com sinais visíveis de envelhecimento, pouco dinâmica e sem estruturas representativas fortes; uma carência evidente de instrumentos de ordenamento eficaz do território, por vezes em gritante conflito com o património histórico-cultural herdado; um nítido vazio de infra-estruturas culturais activas, com dimensão e eficácia social, adequadas à importância mundial que todos reconhecem à região.

Felizmente, há sinais que nos transmitem esperança. Aqui e ali, a intervenções urbanísticas desastrosas vão sucedendo outras de notável sensibilidade (que bonita ficou a Praça em S. João da Pesqueira!). Aqui e ali, há quem aposte em equipamentos culturais, despreziosos mas cruciais para um verdadeiro desenvolvimento das comunidades, como acontece, por exemplo, com o Arquivo Histórico e a Biblioteca Municipal de Moncorvo (a imagem que guardo na memória é a de dezenas de crianças e jovens, e outros menos jovens, ali embrenhados na leitura). As acessibilidades são hoje bem melhores do que poderíamos imaginar há uns dez anos, mas seria preciso reabilitar totalmente a «espinha dorsal» ferroviária que nos deveria religar a Salamanca. Aqui e ali, vão surgindo iniciativas, particulares ou públicas, cuja multiplicação não deixará de constituir uma enorme riqueza para uma região tão carente: pequenos museus, associações e encontros culturais, recuperações exemplares do património local, espaços de turismo de habitação excelentes... Alguns projectos assumem já envergadura nacional ou internacional, como o Parque Natural das Arribas do Douro ou o Parque Arqueológico do Côa. Fala-se já na candidatura do Douro a Património Mundial. Prevê-se para breve a instalação do Museu do Douro na Régua, onde se espera também uma reabilitação exemplar do centro histórico (e projectos não faltam, a começar pelo do Centro Turístico-Comercial da Régua, lançado pela SPIDOURO, em colaboração com a Câmara Municipal do Peso da Régua e a Casa do Douro), que possa minimizar um pouco as agressões urbanísticas que a cidade sofreu nas últimas décadas e fazê-la recuperar o seu lugar de insubstituível centralidade no Douro vinhateiro.

O próximo Quadro Comunitário de Apoio trará, sem dúvida, um incentivo a novos projectos e realizações. E há muito a fazer. A aposta na urbanidade, na preservação do património natural e histórico, na viticultura de qualidade e no enoturismo terá de conjugar-se com investimentos sérios na cultura, na fixação de jovens e na valorização do tecido social existente. Só assim será possível alcançar um verdadeiro desenvolvimento, enraizado nas identidades da região e numa nova cidadania.

